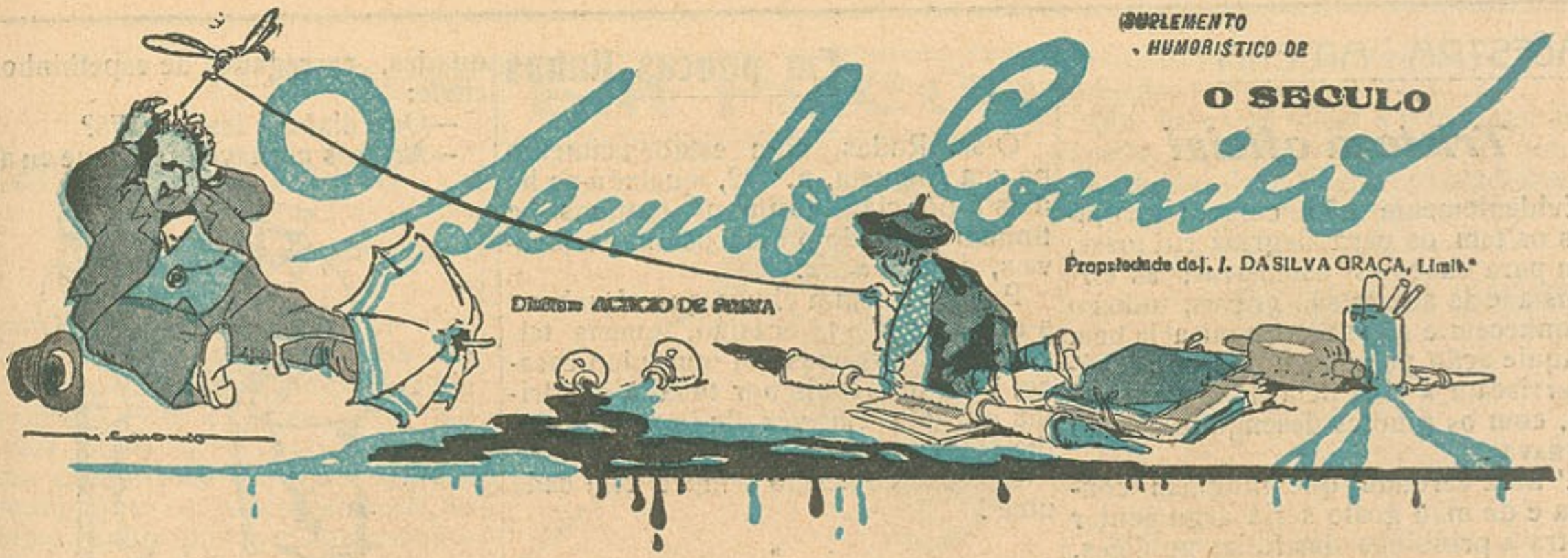


JORNAL  
HUMORISTICO DE

O SÉCULO

Propriedade de J. DASILVA GRAÇA, Lím.ª

Director: ALCIDES DE SAUSA



Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÁ

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—RUA DO SÉCULO, 43—LISBOA

# SEMENTEIRA DE ESPADAS HELVETICAS



—O' com os diabos! Tenho de desistir, porque esta Suissa está intransitavel!

PALESTRA AMENA

**Tristeza oficial**

Evidentemente não correm propiciis os tem os para alegrias ruidosas, nem para chacotas ostensivas; as circumstancias atuais são graves, todos o reconhecem e não se harmoniaria bem a inquietação pela sorte dos que lá fóra arriscam a vida pela honra da patria, com os pinotes desengonçados do Carnaval.

E' uma verdade que ninguem contesta e de mau gosto seria argumentar contra a proibição das folias publicas, que não se justificavam senão quando, na antiguidade, se tornava necessaria essa valvula ao sentimento popular para que a miquina esmagadora do despotismo não se desfizesse. O Carnaval teve a sua época, como a fabula: os grandes não admitiam que se lhes puzesse claramente a calva á mostra, de modo que havia a necessidade de dar fa a aos animaes e ás coisas para que fosse ouvida sem perigo para os que ousavam condenar injustiças e prepotencias.

Não quer isto dizer, porém, que o Carnaval seja o riso e que este seja condenavel como aquelle; hoje, porque não é ocasião para desmandos, nos anos anteriores porque, entre nós, nunca foi espirituoso, mas apenas brutal. O riso nem sempre significa alegria da parte de quem o provoca, de modo que as medidas radicacs, que aí vemos publicadas e em geral aprovadas, podem pecar por excesso.

Porque estamos em guerra, porque já sentimos as suas tristes consequencias, não cremos que se deva chegar á proibição de farças nos teatros, da caricatura nos jornais, ou de qua'quer outra manifestação artistica, tanto mais que pode muito bem servir como revigoradora de energias patrioticas e como arma contra o inimigo.

Acaso repugnaria a alguém uma mascarada em que se satirisasse a Alemanha, um cortejo politico que mostrasse á turba, bem pavelmente, os actos repelentes que tornam odiada aquela nação?

Somos dos que confiam no bom senso do nosso povo e estamos em que na hora present não seria necessario, para que não dessemos o espetáculo de uma alegria que seria loucura, um escrito ameaçador. Uma branda recomendação bastaria, sob os sãos principios da liberdade, deixando ás pessoas sensatas o cuidado de castigar as que se desmandassem. A alegria e o luto não se estabelecem por decreto; estão na consciencia de cada um—como diria aquele conselheiro que Eça de Queiroz imortalizou e que não tendo posto nunca um nariz de papelão nas conspicuas ventas, como improprio da sua respeitabilidade, se agora existisse também não levaria a bem que aqueles maluquinhos dos francezes se entre ivessem, no front, a religir jornaes humoristicos recheados de boa graça. Crédo!

J. Neutral.

**Em poucas linhas**

O sr. Rodas, com estabelecimento na rua Augusta, n.º 92, queixou-se ha dias á policia, de que os gatunos lhe tinham roubado 6 casacos impermeaveis, de boriacha.

Pudera! com a chuva que desabava a cantaros n'essa ocasião, queria talvez que lhe roubassem um unico casaco, para distribuir por toda a quadri-lha ou que em vez de impermeaveis lhe roubassem vus de tule!

O nosso comercio sempre tem cada uma!

Na segunda batalha naval entre ingles e alemães aconteceu como na primeira: uns e outros atribuem a victoria ás suas espétivas pessoas.

Querem vêr que o Wilson tem razão e que o jogo está empatado?

Poucos sacerdotes se teem oferecido até agora para acompanhar os nossos soldados nos campos de França, apresentando-se, como explcação do pouco entusiasmo por essa missão evan-



gelica, o facto de se lhes conceder sómente o posto de alferes.

E lembrar-se uma pessoa de que Jesus Cristo se voltasse ao mundo nem aceitaria as div.sas de cabol!

Escrevem-nos a dizer que a illuminação na praça de C mões é deficientissima, muito mais do que nas outras partes da cidade.

O caso explica-se razoavelmente e d'esta vez não ha que censurar a Companhia do Gaz.

Entendeu, e achamos que bem, que possuindo Luiz de Camões apenas um o'ho, a illuminação seria demasiada para ele. Trata-se de uma simples questão aritmetica aplicada á ótica.

**O carnaval proibido**

N'uma esquadra da policia. O chefe, aos guardas:

—Viram o edital? Apreende-se tudo o que fôr artigo de carnaval!

No dia seguinte o 175 entra na es-

quadra, carregado de espelinhos. O chefe:

—Que diabo é isso, ó 175?  
—Artigos carnavalescos que eu apre-



endi, segundo as ordcs, e com que das janelas faziam partidas aos transuentes.

Um empresario de teatro, escolhendo peça para as tres noites de carnaval:

—Vamos a vêr se no arquivo tenho alguma coisa que não ofenda os sentimentos do governo... Ah! já sei! A *Morta*, a *Dama das Camélias* e o *Hamlet*.

Uma senhora desce o Chiado, vestida á ultima moda. Da cintura, atraz, pende uma larga fita vermelha. Um policia, prendendo a:

—Ande lá p'ra diente porque tresguerdiu o indital.

—Eu?!

—Sim, senhora. Tem um rabol!

O Marques, que é a favor da proibição:

—Eu acho que o governo se pecou foi por demasiada benevolencia. Devia ter sido mais radical.

—Mas como?

—Por exemplo: ordenando que a quarta-feira de cinzas passasse para a terça-feira de carnaval...

**TORRE DE OSSO**

**A uns olhos**

(A D. A. A. M.)

Os seus olhos. Lindos olhos  
tão azues, da cor o céu,  
fazem perder corações  
... e eu já perdi o meu!

Por meu coração perdido  
eu de balde vou penar.  
Só a dona d'esses olhos  
m'o poderá encontrar.

Procure, senhora, procure,  
Tenha de mim compaixão!  
Não terá dentro do seu,  
o meu pobre coração?!

JAGODES.

Temos a dizer ao sr. *'agodes*, com a franqueza que a sua carta merece, que os seus versos são efetivamente maus; mas anime-se e continue, porque dizem alguma coisa e outros, que hoje são poetas, começaram peor.

## TEATRADAS

## Carta do "Jerolmo"

Zefinha do meu curasão:

Quem haveria de dezer que u a'or Inrique d'Albuquerque, cun aquela carinha de pau carunxoso, ainda dava em enendiario?! Pois é acim mêmo Nu Cem dote, pessa cu sr. Alvro de Paiva iscreveu cando tinha 10 anos e cagora conceguiu que ce arreprestasse nu Nassiunal, u dito Inrique apaichonou-ce pella Leonor Faria, profrindu-a á Laura Cruz—cumo ce esta nan fôce munto mais bôa cumo mulher—i não axa melhor manera de a cun quistar ce não lansando u fogo á fravica de fiasão cu marido da dita Lionor, u Luiz Pinto fundou na Trofa! U resultado istás a ver, ó Zefa: a Lionor nan ce cunvence cun eça prova de paichão, conta tudo ó marido, u Luiz Pinto tem um d'aqueles mumentos de mau jenio que toudos le cunhecem, i o maroto do ensendiario, pur castigo, é cundenado a vu tar as co-tas i a ir paccar pró jardim! Horrivle, minha Zéfa!

A proposito cempre te dizerei caque-



le Luiz Pinto naseu num fol. Prumeiro deus noço senhor dutou o com a boa bouca de aseitar uma ispousa que le declara que nan gosta dele; ós pois tem uma peisa de 3 anos qui tem munta grasinha; ós pois tem um amigo xamado Utelo que logo que çabe que ele istá cem vintem por cósa do ensendio da frávica le dá uma pancadaria de contos de reis que inté faz fumo!

I pra cumulo de çorte istá tamem agora a arrepresentar bem, cum çubriidade i oitras coisas cus críticos d scubriram, i tão bem que i té paresse que já não tem as orelhas tão grandes cumo d'ant's. Gustei de ele i tamem gustei do ótor da pessa, u tal Alvro de Paiva: é toudo de seluloide, munto lirinho, munto córadinho i çabe de industrias i cumercio que é uma buleza. Avelidade tem ele, nan á duveda, i cando us anos le derem mais isperencia triatal i gramatical ade vir a fazer coisas que se veijam.

I pur oje bas'a, porque istou munto incumodado cum a notissia dos alamões tenssionar m ómentar us ataques subemarininos. Tenssionava ir paçar o intruido a Peras Ruivas mas acim tanho re-

## EM FOCO



## Ator Luiz Pinto

Diz o nosso "Jerolmo" á sua amada, Mais uma vez lançando mão da pena, Que na peça "Sem dote", agora em cena, Este rapaz, por seu valor, lhe agrada.

Para o "Jerolmo", lingua tão danada Que geralmente o proximo envenena, Taes palavras meter na prosa amena E que decerto a coisa foi falada.

Pois bem: o que ele diz aqui repito Em verso pondo o que ele descreveu Já porque em rima é muito mais bonito

Já por ser uma especie d'outro em O famoso "Jerolmo" supradito, Tal como Floridor de Burromeu.

BELMIRO.

ceio d'algum tropediamento ó comvoio...

Deste teu sódoso marido ca vida te deseija internamente

Jerolmo

Emprezario do Paultlama de Peras Ruivas

## Revelações

O nosso eminente ator Augusto Rosa, nas suas interessantissimas *Impressões de teatro*, em publicação no *Seculo*, edição da noite, disse, a proposito do *Sansão*:

«Com a peça franceza sempre a meu lado, para poder seguir muito bem todo o dialogo, ficar ciente de tudo o que as outras personagens diziam, conhecer a fundo todas as intenções do autor, tanto quanto a minha inteligencia pudesse apreendê-las, comecei a estudar o grande, o enorme, o complicado papel.»

Ora aqui está uma coisa de que ha muito andavamos desconfados; para bem se perceber uma peça franceza

tem de se recorrer ao original e não á tradução.

Não sabemos quem é o tradutor do *Sansão*, mas não ha duvida de que a estas horas deve estar penhoradissimo para com o ilustre artista.

## Bocage e os medicos

(Continuação)

XII

A

Vai curar o doutor Campa Sua futura consorte.

B.

Já se não diz quando casam?

A.

Recebe-a á hora da morte.

XIII

Um medico receitou. Subito o récipe veio, Do qual no bucho do enfermo Logo embutiu copo e meio.

—Adeus, até amanhã, (Diz o fôfo professor), Responde o doente:—Adeus Para sempre, meu doutor!

XIV

—Morte! clamava um doente, Este misero socorre! Surge a Parca de repente E diz de longe: Recorre Ao teu medico assistente.

## Gaz ou carvão? bico ou cabeça?

Mas que grande chuchadeira O tal decreto do gaz! Que le ões na mlo'eira Esse decreto me faz!

Vejamos de boa fé Se acaso terel razão: O decreto é ou não é Para poupar o carvão?

E, já se vê; mas se a gente Com o gaz não co-inhar E' carvão, precisamente O que terá de empregar.

De onde está coisa impossível Contra a qual aqui refillo: Para poupar combustível O remedio é destrui-lo!

Lembra-me aquele pateta Do teatro picaresco, Cantado pelo a'or Se'a Na cançone.a *Pão fresco*.

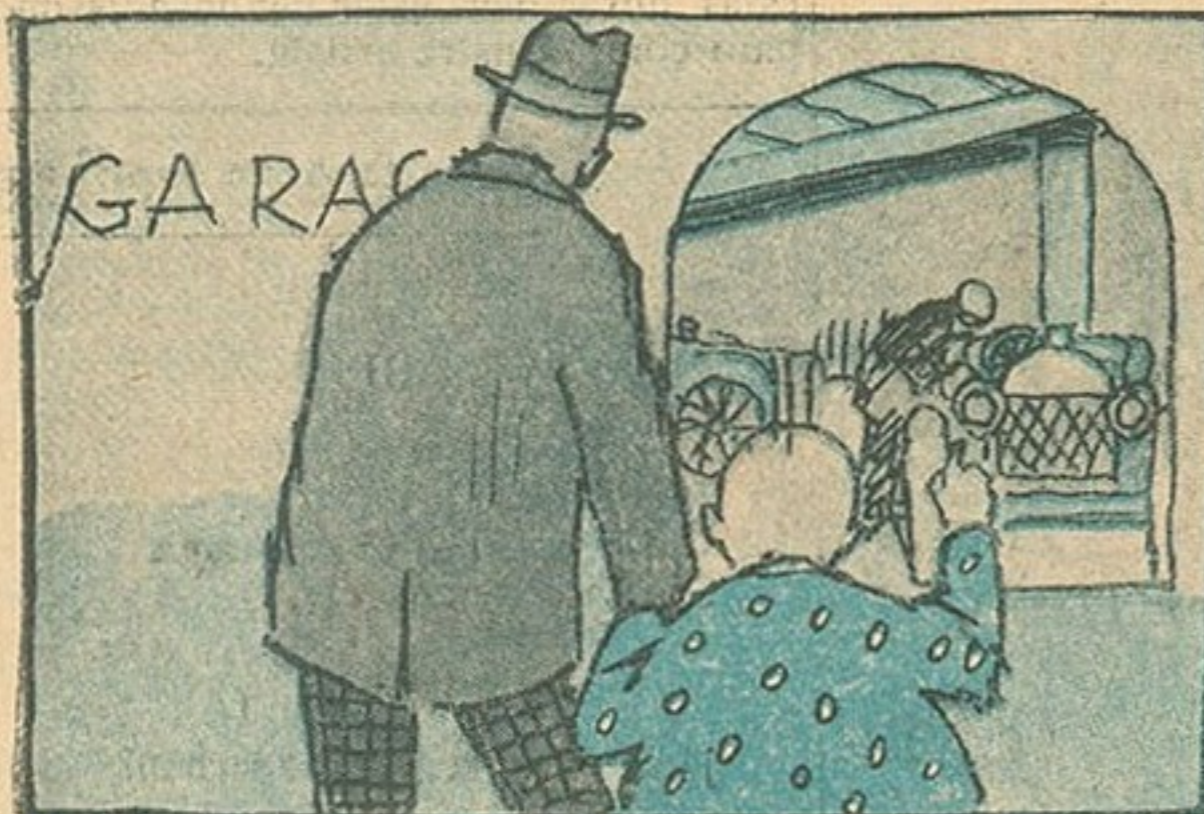
Mas, emfim, como os decretos São semp'e da assi'atura De suj'os circumpstos E de grande envergadura

Suponho que o supradito E' m'itissimo profundo. Entretan o... p'rol'o. A' moda do *Novo Mundo*. (a)

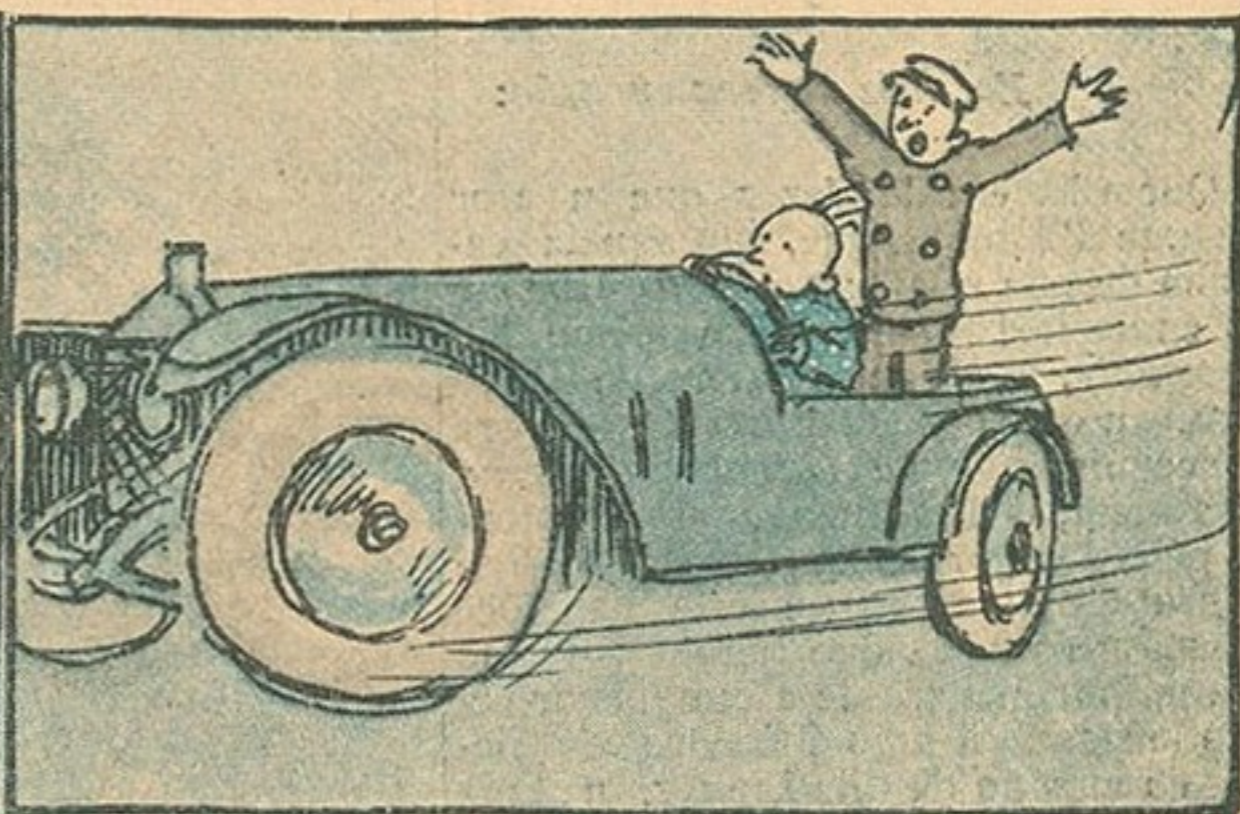
Carbonario

(a) Referencia subtil e reclamo gratuito á graciosa revista, atualmente em cena no *Eden*.

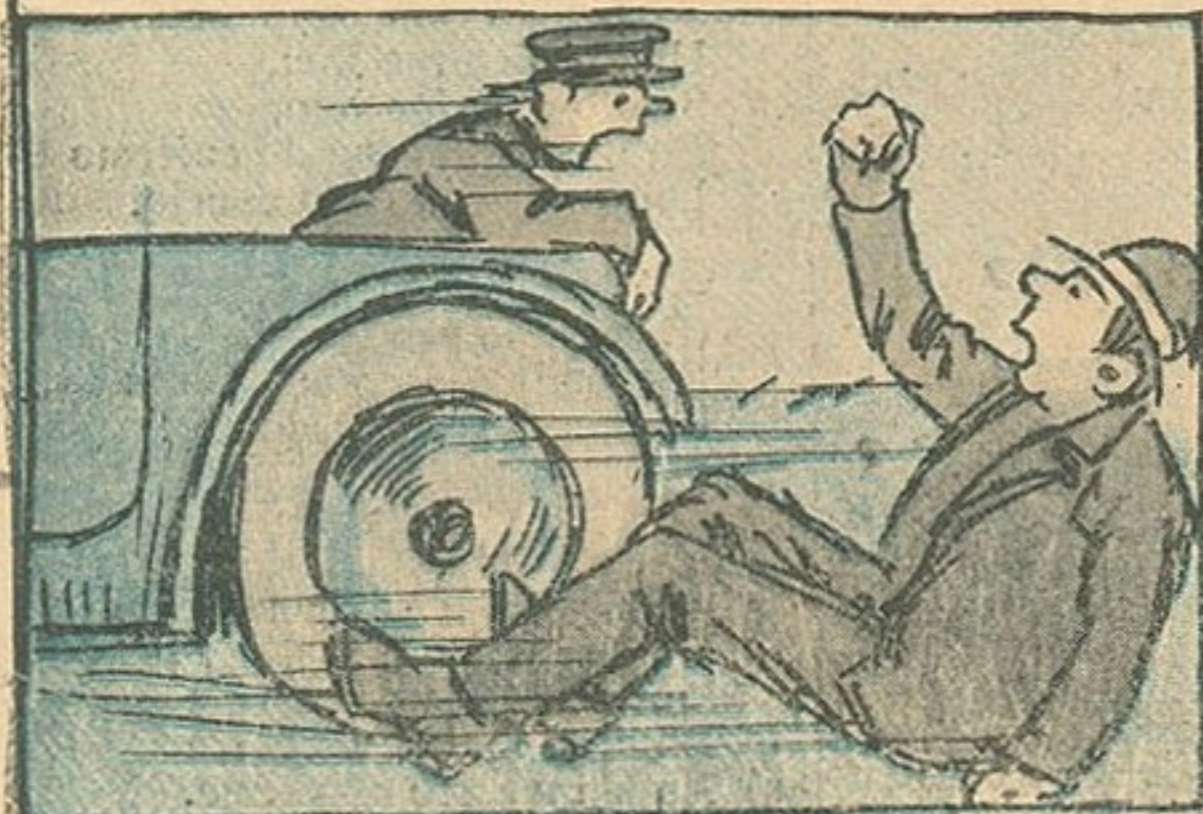
# O Manecas "chauffeur"



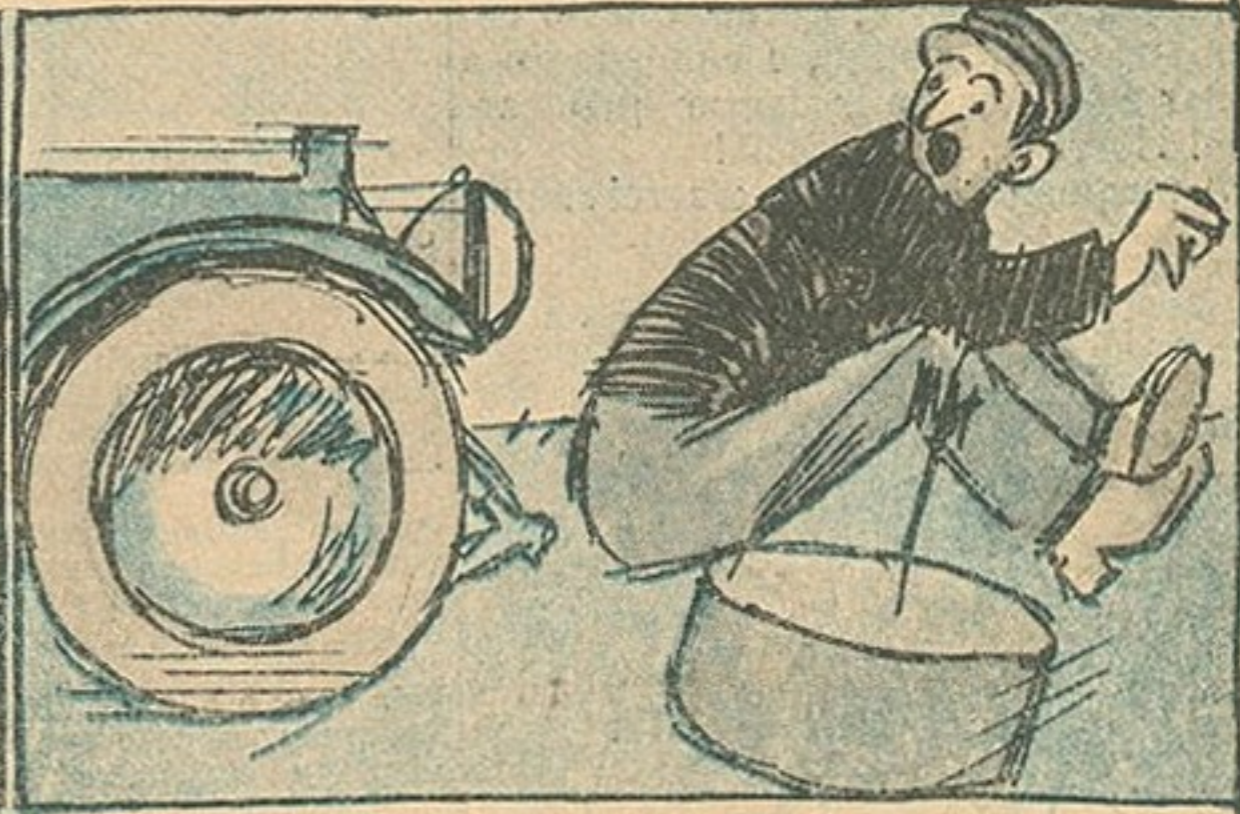
1.—O pae do Manecas resolve que o filho experimente a profissão de *chauffeur* e apresenta-o n'uma *garage*.



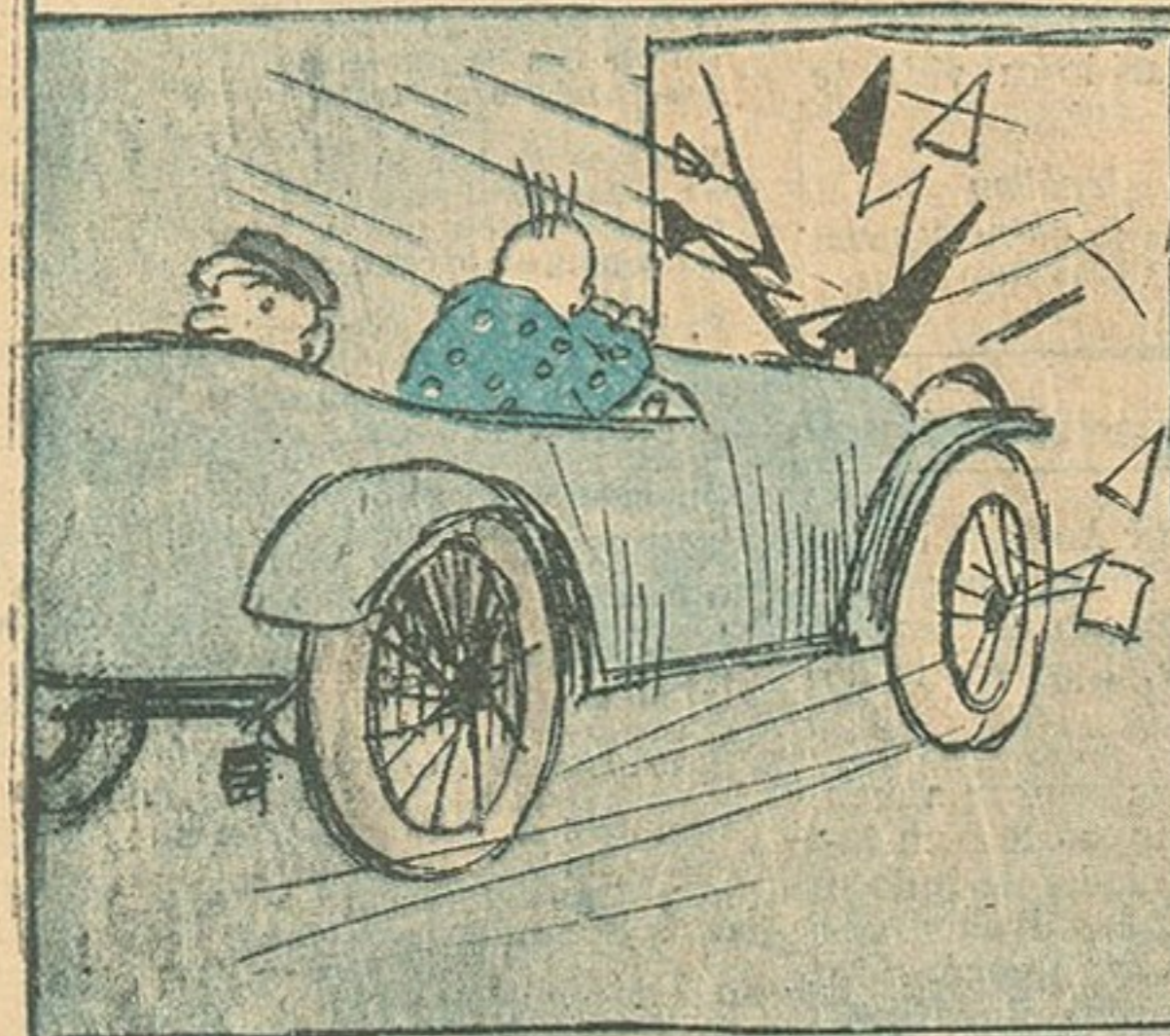
2.—Manecas na aprendizagem manifesta vocação, guiando o automovel com a velocidade d'um ralo.



3.—Na primeira vez que dirige o automovel como profissional atropela um transeunte.



4.—Na segunda vez atropela outro; na terceira atropela outro e assim sucessivamente,



5.—Derruba quiosques, candeleros da iluminação pública, reduz carroças a cavacos, estoura *vitrines*.



6.—De modo que o pae, passados oito dias, tem de pagar cinco contos de réis de indemnisações. De aí novas tosas no Manecas e a convicção paterna de que o rapaz é incorregível.